



Editorial

As articulações entre migrantes, entre estes e seus contextos e entre quantos fazem da mobilidade humana tema de estudo, trabalho ou comunicação política ou mediática, antes de ser tema de aprofundamento teórico e de debate em termos de redes sociais em contexto migratório e de redes migratórias, foi, e continua sendo, uma dimensão crucial e multiforme da realidade dos deslocamentos populacionais. A aproximação do foco de interesse aos sujeitos do fenômeno em causa mostra, fenomenologicamente, a incidência dos laços, de suas respectivas interrupções e da criação de pontes, alianças e articulações entre os diferentes atores que compõem o mundo dos fluxos de população. Daí sua importância, sua força intrínseca nos processos migratórios e, por vezes, seus vínculos, sem sempre positivos para as pessoas implicadas.

O aprofundamento teórico do tema redes migratórias sofre as consequências da utilização do termo redes, por vezes indiscriminadamente, com objetivos e valores semânticos diferentes e até divergentes. À tal complexidade na abordagem, acrescenta-se o fato que o foco na temática das redes, atualmente, mais do que referir-se a uma teoria ou categoria acadêmica, encontra-se absorvida pela multiforme atividade de auto-organização e comunicação transnacional vivida e gerenciada diretamente pelos homens e mulheres que vivem diretamente a mobilidade humana, como migrantes, refugiados, deslocados ou como pessoas de alguma maneira conectadas a estas.

As perspectivas de estudo sobre o tema, acadêmicas ou não, tem priorizado abordagens que, mesmo sendo pertinentes, tem indagado a

relevância e as formas das redes, objetivando compreender o fenômeno migratório. A mesma realidade e suas nuances, do ponto de vista de quem migra ou de quem vive a migração pela ausência direta de quem parte, requer também abordagens capazes de identificar, significar e até mesmo criticar dialeticamente a capacidade de atribuir *empowerment* aos sujeitos implicados e, vice-versa, amarrá-los em laços de opressão e exploração, porque também estas são redes.

O tema das redes sociais e migratórias entrou na pauta dos estudos sobre migração com ampla aceitação e as abordagens multiplicaram-se por disciplina, linguagem, conceituação adotada e, sobretudo, lentes de leitura e interpretação de sua relevância e significado. A REMHU, com sua já tradicional abertura e interdisciplinaridade, propõe neste volume, mais do que um panorama, alguns recortes e enfoques sobre o tema, que se destacam por heterogeneidade de visão e de metodologia pressuposta. Autores da sociologia, da antropologia, da psicologia, da história, da ciência política, da teologia e da teologia bíblica oferecem ao leitor contribuições não só diferenciadas, mas por vezes divergentes. Assim apresenta-se o tema na interlocução acadêmica e no debate de agentes e *managers* do serviço direto, como atestam também os textos das vozes que a REMHU traz da base.

Uma dialética é presente em modo transversal na maioria dos artigos do presente volume: a diferença e sobreposição entre redes sociais e redes migratórias. A questão não é única e a REMHU não adota uma ou outra linha de abordagem; todavia, no debate pode-se chamar a atenção ao risco de pretensas simplificações teóricas de um eixo que, além de atravessar todas as etapas do projeto migratório, se destaca pela complexidade própria da migração e das relações humanas, unida à complexidade dos macro interesses que a mobilidade humana faz convergir ou, paradoxalmente, denuncia, revelando tantas suas ambiguidades.

Na perspectiva dos direitos humanos das pessoas em mobilidade só a possibilidade de construir, manter e recorrer a redes de migrantes por parte de quem se encontra, por alguma razão, longe de sua terra, atribui relevância estratégica fundamental ao tema. Estas significam uma pista, mesmo que nem sempre percorível, para a superação e a chance de gestão das consequências dos grandes eixos opressores contra os quais se deparam as pessoas que vivem a mobilidade humana contemporânea quais a criminalização, o enrijecimento das políticas e das leis e a vitimização pelos processos desintegradores da crise econômica mundial. Possam estas notas fomentar crédito às possibilidades que as redes prometem.